

A construção visual do *Jornal do Brasil*: concepção e trajetória até a primeira metade do século XX.

The visual construction of Jornal do Brasil: conception and trajectory until the first half of the 20th Century

Fonseca, Letícia P; Mestre; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio.
lepedruce@gmail.com

Resumo

O presente artigo aborda a trajetória do *Jornal do Brasil* desde sua fundação, em 1891, até meados do século XX, dando ênfase às modificações gráficas que ocorreram em função de fatores sociais, econômicos, culturais e tecnológicos. Serão explanados os posicionamentos do *Jornal do Brasil*; a modernização do Rio de Janeiro e de que forma isso afetou a empresa; as conseqüências da Primeira Guerra Mundial; as implicações da censura imposta por Vargas para o jornal; e, sua importante reforma gráfica. As informações foram obtidas na revisão bibliográfica e na fonte primária.

Palavras-chave: História do design gráfico; *Jornal do Brasil*; periódicos diários.

Abstract

The current article reports the trajectory of Jornal do Brasil since its foundation, in 1891, until the first half of the 20th Century, emphasizing the graphic modifications due to social, economical, cultural and technological aspects. The positioning of Jornal do Brasil will be exposed; the Rio de Janeiro's modernization and how it affected the company; the First World War's consequences; the Vargas censorship implications to the newspaper; and the well known graphic reformulation will be explained in this article. Information has been managed by bibliographical revision and primary font.

Key Words: History of graphic design; *Jornal do Brasil*; daily newspapers.

Anais do 8º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design

8 a 11 de outubro de 2008 São Paulo – SP Brasil ISBN 978-85-60186-03-7

©2008 Associação de Ensino e Pesquisa de Nível Superior de Design do Brasil (AEND|Brasil)

Reprodução permitida, para uso sem fins comerciais, desde que seja citada a fonte.

Este documento foi publicado exatamente como fornecido pelo(s) autor(es), o(s) qual(is) se responsabiliza(m) pela totalidade de seu conteúdo.

Concepção e turbulências

A história do *Jornal do Brasil*, especialmente nos seus primeiros anos, é indissociável da história da República brasileira, uma vez que o mesmo foi concebido em meio a um período conturbado de consolidação do novo regime. O *Jornal do Brasil* foi fundado no dia 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Souza Dantas (**fig. 1**). Nasceu monarquista, mas sua postura era moderada em relação à sua luta ideológica, pois surgiu fortemente capitalizado e com intenção de vida longa, não pretendia ser liquidado pelo governo como aconteceu com vários pasquins monarquistas. Durante um tempo o jornal oscilou entre atitudes mais ou menos engajadas, testando os limites do aceitável (Silva, 1988: 42-3; Sodré, 1999: 256-7).

No final do ano, o jornal deu destaque à morte de D. Pedro II em Paris e incitou uma campanha monarquista. Até que no dia 16 de dezembro, a redação foi invadida e as oficinas depredadas. Foi um período de crise, superada em 1893 quando o jornal passou a ser uma sociedade anônima, cujos sócios, em sua maioria, haviam sido titulares do Império. Assim, o periódico novamente se declarou imparcial (Silva, 1988: 44-5).

Em maio de 1893 o *Jornal do Brasil* passa a ser dirigido por um líder republicano, Rui Barbosa. Nesse momento, o posicionamento da empresa deixou de ser monarquista e passou a legalista a favor da República, porém contra a ditadura do então presidente Floriano Peixoto. Logo que assumiu a redação, Rui Barbosa mudou, no título, o Z de Brasil para S; nessa época o jornal começou a receber notícias telegráficas por meio do serviço da agência *Reuter-Havas*, que havia se instalado no Brasil em 1874. Quando se iniciaram as transmissões telegráficas, via cabo submarino, que ligou o país à Europa, esse novo avanço nas comunicações permitiu a publicação de notícias internacionais nos principais jornais brasileiros (Bahia, 1967: 129; Sodré, 1999: 215).

Com o início da revolta da Armada em 6 de setembro de 1893, Rui Barbosa publicou um artigo no qual atacava de forma contundente os partidários de Floriano Peixoto. Foi seu último artigo publicado antes de se refugiar na Inglaterra, face à prisão iminente. Apesar dos acontecimentos, o jornal, sob a direção de Joaquim Lúcio, continuou publicando o noticiário sobre a revolta, até que Floriano decretou estado de sítio e suspendeu a liberdade de imprensa (Silva, 1988: 46).

O *Jornal do Brasil* só voltou a circular no dia 15 de novembro de 1894, sob a direção de novos proprietários, a firma *Mendes e Cia*. A data escolhida para o lançamento, aniversário da Proclamação da República, indicava que o periódico não pretendia mais ser identificado como monarquista (**fig. 2**). De fato, a partir dessa nova fase, ele se voltaria para temas mais populares: notícias policiais, informações sobre problemas urbanos, etc. (Silva, 1988: 46).

A partir de então, teve início uma nova e longa fase do periódico, onde o *Jornal do Brasil* se intitularia, conforme o editorial do número de relançamento como: “legítimo e natural representante do povo”. A redação foi assumida por Fernando Mendes de Almeida que tomou iniciativas jornalísticas arrojadas para a época, como o envio de repórteres a outros países.

Cruzando os dados obtidos acerca desse delicado momento histórico brasileiro e a trajetória do *Jornal do Brasil*, percebe-se como o periódico foi se transformando com as circunstâncias comerciais e políticas e com as posições das diversas direções que o controlaram, ou ainda do posicionamento político de seus redatores, dentre outros fatores.



Figuras 1 e 2: capas de inauguração do *Jornal do Brasil* em 1891 e em 1894.

A modernidade e suas implicações

O *Jornal do Brasil*, já estruturado como uma indústria e usufruindo avanços técnicos, iniciou a publicação de uma edição diária vespertina em 1900 que circulava às 15 horas. Nesse ano já era expedido para todo o país. Possuía uma tiragem extraordinária para a época, chegando a 62.000 exemplares diários em 1902. Para ilustrar a magnitude desses números, em 1900, quando a tiragem do periódico ainda era de 50.000 exemplares diários, o *Jornal do Brasil* se gabava por ser superior ao *La Prensa*, de Buenos Aires, que até o ano anterior era o de maior tiragem na América do Sul (Sodré, 1999: 274).

Seu conteúdo ia além de apenas noticiar fatos ocorridos e reunia informações diversas para um público heterogêneo. Pelo fato de ser um dos jornais mais importantes do país e ser largamente distribuído, o *Jornal do Brasil* divulgava valores, imagens e elementos da cultura popular da capital da República, que eram absorvidos por todo o país.

Os esforços para modernizar o jornal não pararam; em 1903 foi instalada luz elétrica na redação e na oficina, que passou a mover sua impressora rotativa¹. Uma característica importante do *Jornal do Brasil* no início do século foi a valorização das caricaturas, que eram publicadas diariamente e quebravam a monotonia da estrutura das páginas. As sátiras acerca da política, dos problemas nacionais, dos novos valores gerados com a modernidade eram importantes diferenciais do periódico e ajudavam a formar o público (fig. 3).

¹ Impressora rotativa – Qualquer impressora em que tanto o elemento de pressão como o porta-fôrma são cilíndricos, como é o caso da offset, da máquina para rotogravura e da tipográfica para jornais de grande tiragem (Porta, 1958: 257).



Figura 3: capa de 1900 com charges e caricaturas.

No dia 1º de Janeiro de 1902 o *Jornal do Brasil* informava seus investimentos em relação à ilustração, nesse momento era o que havia de mais moderno nas páginas dos periódicos diários:

Foi o *Jornal do Brasil* dos primeiros a introduzir a ilustração nas suas edições diárias. Toda a imprensa contemporânea adota essa tendência, que consiste em por ao serviço do *Jornal* a contribuição de todas as artes. Uns como o *Fígaro*, o aristocrático *Fígaro* limitam-se, em dias determinados, à caricatura do acontecimento palpitante da atualidade; outros, como *Le Journal* e *Le Martin*, os órgãos de maior circulação em França depois do *Petit Journal* e o *New-York-Herald*, *New York Journal*, *New-York-World*, da *União Americana*, ilustram largamente o local, o *fait divers*, o folhetim, o crime sensacional, a vida cidadã ou provincial. O *Jornal do Brasil* adota simultaneamente os dois processos e a caricatura diária alia o comentário ou elucidação gráfica da vida contemporânea, própria ou alheia. Os seus artistas são conhecidos; algumas das suas páginas têm sido aplaudidas pelos mais exigentes paladares do jornalismo europeu (*Jornal do Brasil*, 1902).

É interessante a comparação que este texto faz entre os periódicos internacionais e as formas de utilização da ilustração no jornal diário. Num momento em que estavam se estabelecendo padrões e tecnologias e o público leitor ia se habituando às novidades, o *Jornal do Brasil* anuncia que utilizava as duas formas de ilustração descritas, a caricatura dos acontecimentos políticos e sociais aliada à ilustração que figurava como fotografia, enfatizando os acontecimentos sensacionais e a vida contemporânea. Os esforços para acompanhar o que era produzido em jornais respeitados mundialmente traduziram-se na contratação de profissionais gabaritados, que correspondiam à produção necessária, e ainda no investimento em tecnologia, como se pode constatar na segunda parte dessa citação:

Não contente, porém, com haver introduzido a ilustração nas suas edições diárias, o *Jornal do Brasil* adquiriu há um ano com sacrifício não pequeno, o material e a propriedade da *Revista da Semana*, dando ao público uma edição semanal ilustrada, cujos trabalhos de fot zincografia, de fotografura, de litografia e cromotipia, honram as suas oficinas. Essa publicação é única no Brasil e foi criada com o tostão diário do povo. Até que outra apareça estamos, pois, no direito de considerá-la a melhor (*Jornal do Brasil*, 1902).

O *Jornal do Brasil* iniciou a construção de sua nova sede na Avenida Central, principal ícone da grande reforma urbana que modificou o Rio de Janeiro no início do século², para aonde se deslocou todo o comércio de primeira linha da cidade. Na percepção geral, a modernidade estava ligada ao progresso e à tecnologia. Assim, nessa mesma época, o jornal comprou modernas máquinas que imprimiam em cores, os primeiros linotipos³ chegados ao Rio; e ainda, uma clichéria de sistema fotomecânico, que permitia a confecção de clichês através de processo fotográfico. Com todo esse investimento o jornal foi transformado em sociedade anônima e passou a ser comandado por Carvalho de Moraes, tendo como acionista Ernesto Pereira Carneiro⁴, responsável pelos setores comercial e financeiro (Silva, 1988: 47). Ainda em consequência das dívidas acumuladas com a modernização da empresa, em 1º de agosto de 1906, começaram a ser veiculados na capa pequenos anúncios, alteração gráfica que perdurou por décadas e, nessa época, se inspirou em jornais estrangeiros que usavam o mesmo recurso como o *New York Herald*, *The Times*, *La Prensa*, *La Nación* (**fig. 4**) (Sodré, 1999: 325).

Desfrutando da nova tecnologia, em 1907, o jornal apresentou seu cabeçalho impresso em vermelho e produziu suplemento colorido, veiculado aos domingos e composto de quatro páginas, com oito colunas. Os títulos eram pequenos e apresentados em tipografia sem serifa, para a separação horizontal das matérias eram utilizados finos fios duplos. O uso comedido de elementos gráficos tornava a página clara e limpa, as grandes imagens quebravam a monotonia da estrutura estática das páginas. As fotografias eram publicadas em tamanho maior que o usual e, muitas vezes, eram apresentadas em formatos inusitados; além disso, eram elaboradas composições interessantes unindo molduras desenhadas e fotogravuras (**fig. 5**).

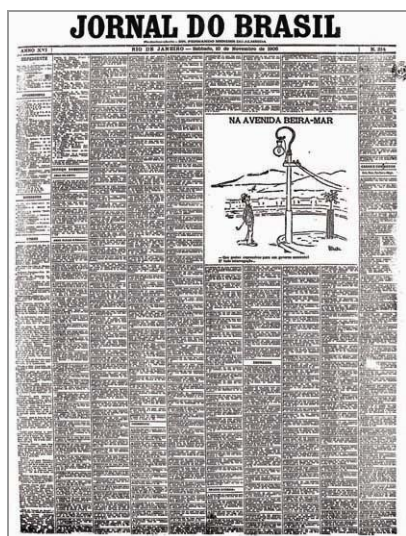
A nova sede do jornal, concluída em 1910, era na época o prédio mais alto da América Latina. O periódico continuou a vender como água. Nesse mesmo ano, com as notícias sobre a revolta dos marinheiros, chegou a produzir de 5 a 6 edições diárias. Nessa época existiam 40 agências do *Jornal do Brasil* espalhadas pela capital para receber os “pequenos anúncios de letras”, os classificados de hoje, e, também, para receber as reclamações da população que eram publicados gratuitamente na seção “Queixas do Povo” (Silva, 1988: 52).

Quanto às inovações editoriais, o jornal foi pioneiro quando passou a dedicar uma página inteira ao esporte, em 1912. O título da seção escrito em inglês, *Sport*, se apresentava com destaque e era composto por letras desenhadas cercadas de ilustrações de pessoas praticando vários tipos de atividades. A página era publicada repleta de reportagens com cobertura de eventos esportivos e ilustrada com fotografias. O espaço dedicado aos esportes no *Jornal do Brasil* existe desde sua fundação, quando as notícias giravam em torno das corridas de cavalo promovidas no “*Jockey-Club*”, porém; o destaque em página inteira foi reflexo da popularização dos esportes no país.

² De 1903 a 1906 a capital foi modificada radicalmente através de um plano de ações que ampliou e reformou o porto, demoliu centenas de imóveis para abrir diversas ruas no centro da cidade, e ainda, foram tomadas várias medidas a fim de livrar a cidade das epidemias que assolavam a população (Sevcenko, 1998: 22-23).

³ Linotipo – denominação de máquina para compor linhas-bloco com o auxílio de matrizes reunidas por meio de um teclado (Porta, 1958: 237).

⁴ Ernesto Pereira Carneiro, futuro conde papalino, tornou-se proprietário do jornal na década de 1920.



Figuras 4 e 5: capa de 1906 (repleta de classificados) e página do suplemento colorido de 1907.

As conseqüências da I Guerra Mundial e os anos 1920

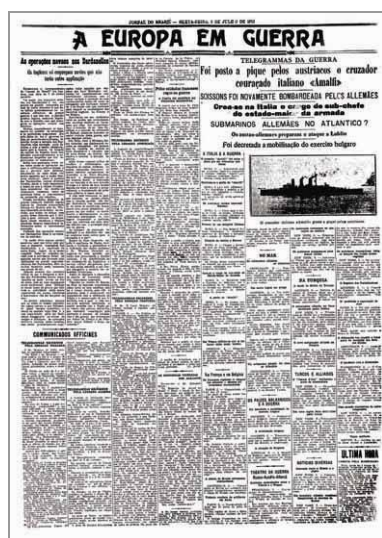
O *Jornal do Brasil* fez cobertura diária da Primeira Guerra Mundial dando-lhe destaque nas chamadas de capa sob o título: “Europa em Guerra”, ilustradas com fotografias (fig. 6). As notícias telegráficas tiveram muita importância nessa época, ocupando grande parte da edição para divulgar cada movimentação da guerra e, muitas vezes, as matérias eram ilustradas com fotografias.

Uma das conseqüências da Primeira Guerra Mundial foi o encarecimento de vários produtos importados usados pela indústria gráfica, inclusive o papel jornal. Pode-se observar em 1918 os esforços do *Jornal do Brasil* na economia de espaço nas páginas onde apresentavam textos em corpos minúsculos e títulos menores do que o usual. Isso provocou uma séria crise financeira no *Jornal do Brasil*, já endividado com os investimentos de modernização. Até que, sem conseguir quitar as hipotecas feitas junto ao conde Pereira Carneiro, o jornal passou às suas mãos em 1919. A chefia de redação foi assumida por Assis Chateaubriand que viera de Pernambuco, e posteriormente seria um dos maiores nomes da história da imprensa brasileira (Sodré, 1999: 346).

Com as mudanças na diretoria e na redação, ocorreram mudanças gráficas também. A estrutura das páginas continuou semelhante, mas os títulos ganharam maior destaque, ocupando muitas vezes duas ou três colunas; já as manchetes ocupando toda a extensão da página tornaram-se comuns. Segundo Werneck Sodré, na década de 1920 a imprensa brasileira se consolidou com estrutura empresarial, tornando-se mais raros os jornais e revistas de vida efêmera (Sodré, 1999: 371-2).

O *Jornal do Brasil* estava sempre investindo em inovações e acompanhando as mudanças de comportamento e interesses da população. O periódico ainda tinha a seu serviço o mais popular escritor do Brasil, o romancista Benjamim Constalat, que recebia o dobro do que costumava ganhar um redator-chefe para escrever “Os Mistérios do Rio”, publicados em série, ocupando uma página inteira. Quando, em 1929, apareceu o cinema falado, o jornal logo passou a dedicar uma página inteiramente ao assunto (Sodré, 1999: 364-5). Segundo Sevcenko, o cinema de Hollywood, no seu apogeu, exerceu efeito profundo na mudança do comportamento e dos padrões de gosto e consumo no mundo todo (Sevcenko, 1999: 398-9). Diariamente era publicada a seção “Cinemas e Filmes”, que informava os lançamentos, a programação do que estava sendo exibido na cidade e publicava fotografias. Todavia, era aos domingos que o assunto ganhava destaque e se estendia a uma página inteira. O título mudava

para “Cinema, a realidade – sonho...”, era composto em tipografia sem serifa e em negrito e ocupava toda a extensão da página. Além dos textos, eram publicadas diversas fotografias de cenas dos filmes e dos famosos atores hollywoodianos. A composição gráfica da página se destacava das demais do periódico, já que era diagramada sem os fios verticais de separação das colunas (**fig. 7**).



Figuras 6 e 7: página com a seção “Europa em Guerra” e página dedicada ao Cinema.

Censura Vargas e o “jornal das cozinheiras”

Durante o período de campanha presidencial, que se iniciou em 1929 e durou até a Revolução de 1930, a maioria da imprensa apoiou a Aliança Liberal. Com o golpe e a tomada do poder, a imprensa que apoiara a situação anterior foi liquidada e os periódicos que não foram destruídos sofreram graves conseqüências e não puderam voltar a circular de imediato. O *Jornal do Brasil* foi invadido, empastelado, ficou sem circular por quatro meses. Sua reabertura só foi possível com a substituição de Aníbal Freire por Brício Filho, que censurava as matérias antes de serem publicadas (Sodré, 1999: 371-376). Assim, o posicionamento do jornal em relação ao governo provisório foi de cautela: agiu timidamente quando fez críticas ao governo e se colocou a favor da campanha pela reconstitucionalização.

No início dos anos 1930 a imprensa brasileira lidava com os problemas econômicos do país e com a censura. Só em 1933, com a convocação da Assembléia Constituinte, é que o *Jornal do Brasil* voltou a se engajar mais abertamente nas lutas políticas. Isso ocorreu, principalmente, porque o conde Pereira Carneiro se candidatou à Constituinte pelo partido Autonomista do Distrito Federal e o jornal passou a ser um de seus veículos de divulgação. No ano seguinte, apoiou a Constituinte por trazer o país de volta à legalidade; porém, não aceitou o continuísmo de Vargas.

O *Jornal do Brasil* passava por problemas financeiros desde o início da década, apesar de ter se reestruturado internamente e mantido relacionamento estável com o governo. Para reorganizar as finanças da empresa, Pereira Carneiro convidou José Pires do Rio para assumir o cargo de diretor-tesoureiro. Pires do Rio assumiu sua nova função em 1934, e o jornal foi reestruturado. Para ele era preciso transformar o periódico num “boletim de anúncios”, dando ênfase aos classificados. Questões políticas, culturais e outros assuntos passaram a ter menos destaque. Dessa forma, o *Jornal do Brasil* foi aos poucos perdendo sua importância como

órgão noticioso e, com as páginas majoritariamente ocupadas por anúncios, o jornal passou a ser chamado, pejorativamente, de “jornal das cozinheiras” (**fig. 8**) (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

Em 1937, Vargas decretou o Estado Novo. A imprensa nacional foi calada com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão cuja atribuição era controlar todos os meios de comunicação através da censura e também divulgar os ideais do Estado Novo às camadas populares. Apesar do *Jornal do Brasil* ter apoiado a candidatura oposicionista de Armando Sales à presidência da República, considerou o golpe do Estado Novo uma solução para a crise política. Durante todo o período da ditadura de Vargas, o jornal manteve relações cordiais com o DIP e demonstrou simpatia em relação à legislação trabalhista e à política econômica do governo (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

Uma das conseqüências da implantação da censura foi o empobrecimento da caricatura, que perdeu espaço na imprensa nacional. Profissionais de primeira linha que trabalhavam para jornais e revistas ilustrados ficaram de mãos atadas sem poder satirizar o governo. Foram oito anos de asfixia com a falta de liberdade. Só com a Segunda Guerra Mundial é que a caricatura novamente recomporia sua feição, expressando o sentimento popular contra o totalitarismo externo (Sodré, 1999: 383-4). Verificou-se que no *Jornal do Brasil* não há publicação de caricaturas durante esse período. A fotografia ganhou maior espaço e suprimiu de vez a arte que abrilhantou suas páginas durante décadas. As ilustrações se limitaram aos anúncios publicitários e às tirinhas publicadas esporadicamente.

Com os esforços pela democratização, em 1945, o *Jornal do Brasil* se posicionou contra o governo. Porém, o periódico não se engajou abertamente na campanha eleitoral, limitou-se a mostrar simpatia pelo candidato da oposição Eduardo Gomes, em virtude das relações pessoais deste com Pires do Rio. A deposição de Vargas e o curto período de governo de José Linhares, que nomeou Pires do Rio ministro da Fazenda, foi totalmente apoiado pelo jornal. Também foi bem aceita pelo jornal a vitória de Dutra e suas medidas contra o Partido Comunista, que teve o registro cancelado em 1947. Na campanha presidencial de 1950, o periódico novamente não se engajou e só demonstrou simpatia por Eduardo Gomes. Com a vitória de Vargas e a tentativa da oposição de questionar a posse do candidato eleito, o *Jornal do Brasil* posicionou-se a favor da legalidade, ou seja, de Vargas (Abreu, 2001, vol.3: 2869).

A Era Vargas acarretou conseqüências financeiras que transformaram a trajetória do periódico, alterando seu posicionamento e até sua apresentação gráfica. Principalmente no que diz respeito à grande ênfase dada aos classificados e também em relação ao desaparecimento das caricaturas do jornal. É interessante observar como esse período se compara aos primeiros anos de vida do *Jornal do Brasil*, quando seu posicionamento político também afetou radicalmente a empresa, que precisou mudar de proprietário e partido diversas vezes, até se tornar sucesso nacional e ficar conhecido como *Popularíssimo*, apelido divulgado pelo próprio jornal. Os desfechos desses dois períodos conturbados, a última década do século XIX e a Era Vargas, apresentaram mudanças significativas que alavancaram as vendas e tornaram o *Jornal do Brasil* parâmetro nacional. A transição do “jornal das cozinheiras” para ser novamente uma folha noticiosa será abordada a seguir.

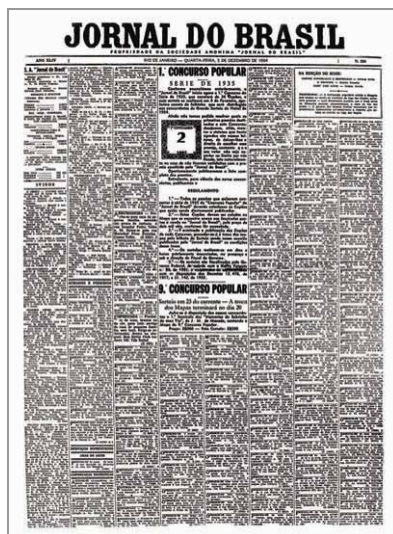


Figura 8: “jornal das cozinheiras”.

Reestruturação gráfica

Com a morte de José Pires do Rio em 1950, principal defensor da predominância dos classificados no jornal, e, posteriormente, com o afastamento do conde Pereira Carneiro por motivo de saúde e seu falecimento em 1953, o jornal se reestruturou. A condessa Pereira Carneiro, com o auxílio de seu genro Nascimento Brito, assume a direção do jornal, adquire equipamentos gráficos e recursos técnicos necessários para sua modernização. (Abreu, 2001, volume 1: 828; Egypto e Priolli, 1990: 27).

O surgimento do Suplemento Dominical, criado por Reynaldo Jardim em 1956, foi a primeira alteração no jornal sob a nova direção e seu sucesso estimulou as alterações posteriores. Nascimento Brito assumiu o cargo de diretor-executivo da empresa em 1956, e uma das suas primeiras medidas foi contratar o jornalista Odylo Costa Filho para coordenar a reformulação do jornal. Para realizar as mudanças que o *Jornal do Brasil* necessitava, Odylo organizou uma nova equipe. O jornal passou a ampliar seu noticiário e o número de páginas de suas edições. Apesar de ainda não haver um plano de ações definido, começaram a fazer experimentações, como a publicação de uma fotografia na capa, em meio aos anúncios, em 1957, ou ainda, a re-organização da página de esportes, que funcionou como um laboratório de experiências (Lessa, 1995: 18-21).

Todas essas mudanças e experimentações culminaram, no final da década, na modificação estrutural e gráfica mais célebre na história dos jornais impressos brasileiros. Em 1959, a primeira página foi radicalmente reestruturada e o noticiário voltou a fazer parte da mesma (**fig. 9**). No ano seguinte, concretizaram-se as principais modificações gráficas, sob a orientação de Amílcar de Castro: os classificados passaram a ocupar um caderno separado, o *Caderno C*, ainda surgiu o *Caderno B*, onde eram publicadas as notícias sobre as artes em geral, especialmente sobre cinema e teatro (Abreu, 2001, vol.3: 2870). Com o sucesso das modificações editoriais e gráficas, o *Jornal do Brasil* passou a servir de referência para periódicos em todo o Brasil e essa transformação tornou-o objeto de estudo, principalmente, para comunicólogos e designers.



Figura 9: Capa reestruturada com a reforma gráfica.

Conclusões

Conhecendo a trajetória do *Jornal do Brasil* desde sua fundação, em 1891, até a década de 1950, é possível afirmar que acontecimentos políticos, econômicos, sociais e tecnológicos influenciaram nas diversas modificações ocorridas no jornal, tanto editoriais quanto gráficas. Isso nos leva a pensar como o contexto influencia e define o design, ou as escolhas de design em um objeto de caráter gráfico. Ficou claro nesse estudo que a apresentação visual do *Jornal do Brasil* durante o período estudado foi fruto de um conjunto de fatores e não apenas da decisão de um ou mais responsáveis por definir os elementos que compunham suas páginas. Ademais, confirmou-se que o periódico é um objeto da cultura material e através da observação de seus exemplares, no acervo da Biblioteca Nacional, foi possível decodificar informações acerca do contexto em que estava inserido.

Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 2001. 5 v.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. Vol. 2, 4ª ed. São Paulo: Ática, 1967.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução à história do design**. 2ª ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2004.

EGYPTO, Luiz; PRIOLLI, Gabriel. O senhor da tempestade. Entrevista com Manoel Francisco de Nascimento Brito. **Imprensa**, ano III, nº 34, p. 26-31, jun. 1990.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 1891 – 1950. Diário.

LESSA, Washington Dias. **Dois estudos de comunicação visual**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Eduardo. **As queixas do povo.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.